



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Entre poéticas, notas, desabaços e histórias no chão da escola: quando os afetos pedem passagem na vida de um professor

Among poetics, notes, outbursts and stories on the school floor:
when affects ask for passage in a teacher's life

Entre poéticas, notas, desahogos y historias en el suelo de la escuela: cuando los afectos piden paso en la vida de un profesor

Tiago Amaral Sales

RESUMO

Quanto afetos urgem e pedem passagem na vida de um professor em uma escola? O que é possível ser mobilizado ao levar a sério a poética na pesquisa, na vida e na educação? É a partir dessas indagações que este texto é tecido ao se colocar no exercício de criar escritas poéticas em poesias, desabaços, notas breves e histórias. Para tal, objetivando levar a sério a poética e a arte como rigores ético-estético-políticos na docência, na vida e na pesquisa em educação, são cartografadas vivências de um jovem professor em seus múltiplos encontros enquanto atuava em duas escolas públicas de uma cidade média do sudeste brasileiro, dando vazão aos afetos que pediam passagem. Temas como corpo, experiência, relações de poder, resistência, formação, sexualidade, avaliação, violência, cansaço, exaustão, juventude, amor, cultura e currículo, nos territórios escolares, permeiam as escritas fragmentadas que compõem um arquivo de pesquisa vivo e em movimento. Percebe-se e afirma-se a força que as escritas poéticas, articuladas com os territórios escolares e com a pesquisa em educação, possuem para dar vazão ao experienciado, possibilitando questionar a realidade e propor caminhos possíveis ao fabular os afetos em criações múltiplas, vivas e intensivas.

Palavras-chave: escrita poética; educação; afetos; docência; escola.

ABSTRACT

How many affects urge and ask for passage in the life of a teacher at a school? What can be mobilized by taking poetics seriously in research, life and education? It is from these questions that this text is woven by undertaking the exercise of creating poetic writing in poems, outbursts, brief notes and stories. To this end, aiming to take poetics and art seriously as ethical-aesthetic-political rigors in teaching, life and research in education, the experiences of a young teacher are mapped

in his multiple encounters while working in two public schools in a medium-sized city in southeastern Brazil, giving vent to the affects that asked for passage. Themes such as body, experience, power relations, resistance, training, sexuality, evaluation, violence, tiredness, exhaustion, youth, love, culture and curriculum across school territories permeate the fragmented writings that make up a living and moving research archive. The strength that poetic writings articulated with school territories and research in education have to give vent to what is experienced, is perceived and affirmed, making it possible to question reality and propose possible paths when fabulating affects in multiple, lively and intensive creations.

Keywords: poetic writing; education; affects; teaching; school.

RESUMEN

¿Cuántos afectos son urgentes y piden paso en la vida de un profesor en una escuela? ¿Qué se puede movilizar al tomar en serio la poética en la investigación, la vida y la educación? Es a partir de estas preguntas que se teje este texto al emprender el ejercicio de crear escrituras poéticas en poemas, desahogos, notas breves y cuentos. Para ello, con el objetivo de tomar en serio la poética y el arte como rigores ético-estético-políticos en la enseñanza, la vida y la investigación en educación, se mapean las experiencias de un joven docente en sus múltiples encuentros mientras trabajaba en dos escuelas públicas de una ciudad mediana del sudeste brasileño, dando rienda suelta a los afectos que pedían paso. Temas como el cuerpo, la experiencia, las relaciones de poder, la resistencia, la formación, la sexualidad, la evaluación, la violencia, el cansancio, la juventud, el amor, la cultura y el currículo, en los territorios escolares, permean los escritos fragmentados que conforman un archivo de investigación vivo y en movimiento. Se percibe y afirma la fuerza que tienen las escrituras poéticas articuladas con los territorios escolares y con las investigaciones en educación para dar rienda suelta a lo vivido, posibilitando cuestionar la realidad y proponer caminos posibles al fabular los afectos en creaciones múltiples, vivaces y intensivas.

Palabras-clave: escritura poética; educación; afectos; enseñanza; escuela.

Introdução

*Esse é o meu rigor, mais do que tudo: é o respeito pelo que
sinto, e que sou verdadeira!
[...] Eu acho que na vida a poesia é imprescindível.
Aonde for, tem que ter uma poesia. Tem que ter a poesia. [...]
Senão eu acho que fica tudo linear, frio, reto, e não me
interessa. Não me interessa! Me interessa o que me comove,
mesmo que a poesia esteja lá atrás.
Maria Bethânia (2019)*

Certo tempo atrás, em uma deriva despretensiosa pelas redes sociais, encontro-me com um vídeo curto e recortado de uma entrevista com Maria Bethânia (2019). Minha admiração e meu encanto por essa artista não me

permitem passar ileso por qualquer conteúdo dela e, assim, parei para assistir. Em suas palavras, disse que o que for linear, frio e reto não lhe interessa, pois o que a comove é onde a poesia está, é onde há respeito com o que se sente. É lá que está o rigor de sua produção artística, de seu trabalho minuciosamente preparado, de sua carreira de prestígio, de sua existência que, mesmo nos momentos mais duros, foi tecida ao modo que o filósofo Michel Foucault (1995) nos diria que seria uma vida como obra de arte.

Não me contive e fui atrás de tal entrevista completa e, depois de muito procurar, a encontrei¹. Enquanto Bethânia conversa com Anaíde (Naná) Karabachian, ela nos dá uma aula sobre uma maneira de tecer trabalho-pesquisa-vida com arte, levando a poesia a sério. Repito a palavra que ela mesma usou: rigor. É na poesia que está o rigor. Uma poesia que acontece com o respeito ao que se sente, com certa disciplina para mobilizar os afetos em algo que vá além, sem deixá-los para trás: leva tudo junto. Uma poesia-trabalho-pesquisa-vida que aconteça com o coração e irradie por todo o corpo, com o que poderíamos chamar, inspirados na psicanalista Suely Rolnik (2016), de “corpo vibrátil”. Me encantei com tal forma de reconhecer a força poética em tantas instâncias de ser-estar-fazer-se no/com o/pelo mundo. Sinto que é isso o que tenho acreditado e tentado mobilizar no meu trabalho enquanto professor, pesquisador e – por que não? – escritor, mesmo que em experimentações tantas vezes despretensiosas.

Quando penso nas poéticas, também me alinho com o que Julio Aquino, Sandra Corazza e Máximo Adó (2018, p. 3) afirmam:

[a]o recorrermos à noção de poética, tampouco pensamos que haveria qualquer coisa de elevado ou de visionário no trabalho literário *per se*; como se a palavra do poeta representasse, hoje, aquilo que o vaticínio do louco foi na Antiguidade. A escrita que se confunde com a vida – independentemente do gênero textual, aliás – é a sina daqueles que foram projetados para fora das coisas, para o outro lado do mundo e, de lá, emitem seus sinais vocais. Disso decorre que, ao compartilharmos certo regozijo com textos belos, também somos atravessados por alguma aflição e, muitas vezes, por um desespero cortante.

¹ A entrevista completa, publicizada no ano de 2019, está disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=DIY_UGWUMYk&t=1163&ab_channel=HoradeNan%C3%A1>. Acesso em 30 de julho de 2026.

Poéticas. Aflição. Desespero cortante. Também desejos que urgiam e afetos que pediam passagem, já que “[...] não há dia claro para aqueles docentes que se embrenham na tragicidade poética dos acontecimentos, visto que esta possui mais teor subtrativo do que cumulativo” (Aquino; Corazza; Adó, 2018, p. 3). A partir desses atravessamentos, senti a necessidade de me colocar em movimentos de pesquisa-docência em poéticas, de adentrar movimentações em currículos outros, esquizos, menores, difusos, que se fazem artesanalmente nos cotidianos vividos visceralmente na escola. Assim, fui revisitar alguns rascunhos traçados algum tempo atrás, enquanto atuava como professor na educação básica. Escrever e compor com esta vida materializada em poéticas era uma oportunidade de levar a sério a poesia na docência, nas narrativas e na investigação em educação e dessas chances não podemos abrir mão. Talvez estivesse ali um caminho para experimentar a docência e a minha formação como obra de arte (Sales, 2024a).

Pensei na potência de uma pesquisa com arte, que acontece artisticamente e artesanalmente. Assim, “[t]alvez a pesquisa com a arte propicie movermo-nos nas paisagens incertas contemporâneas, em espaços não determinados a priori, espaços que se criam no processo investigativo, abrindo outras possibilidades de educar e pesquisar” (Diederichsen, 2019, p. 20). Dessa forma, como propõe a professora, pesquisadora e artista Maria Diederichsen (2019, p. 20), que as perguntas da pesquisa com arte não partam *a priori* como algo pronto ou a ser seguido, mas que se adentrem na seguinte questão: “[...] como seremos responsáveis, como responderemos por nossas vidas, por nossas investigações, pelos mundos que criamos?”.

Assim, algumas perguntas surgiram e me inquietaram para olhar com atenção o que já havia escrito, ao abrir essa caixa de memórias de tempos outros e transcriá-los em caminhos possíveis. São elas: quantos afetos pedem para germinar, materializar-se e transbordar nas vivências docentes? O que se passa ao habitar o chão da escola durante manhãs, tardes e noites? De que maneiras podemos cultivar atenções aos nossos corpos enquanto professores, professoras e estudantes? Que cuidados devemos ter para entender, sentir, acolher e dar vazão ao que em nós pede passagem? Como colocarmo-nos de olhos abertos para perceber as poéticas que ressoam no nosso trabalho professoral? Será que experimentar a educação como algo que acontece

artesanamente dar-nos-á força para seguir criando, saboreando, vivendo, lutando, escrevendo e fabulando coletivamente?

Durante os anos de 2022 e 2023, um arquivo *online* cumpria a função de ser um diário dos atravessamentos que urgiam e transbordavam em minha vida enquanto jovem professor da educação básica. Mesmo já atuando há alguns anos na educação, uma pausa para cursar o doutorado me tirara das salas de aula enquanto docente e, ao retornar, parecia tudo tão novo e visceral – não que não fosse assim antes daquele momento e não siga sendo agora. Assim, coloquei-me em movimentos *outros* com a escrita: relatos, notas, poesias, desabafos e histórias foram grafados quando tinha tempo e sentia a necessidade. Muitos deles eram transcritos em folhas de meu caderno-docente, junto a planejamentos, registros de avaliações, calendários e reuniões, nos cantos e nas brechas de tempo – tão preciosas! –, enquanto ministrava as aulas e trabalhava nas escolas. Era uma forma que encontrava para materializar o vivido e abrir caminhos artesanamente para outras maneiras de me engajar com a vida de professor.

Assim, ao revisitar estes acontecimentos na minha docência-vida e os escritos que deles emergiram, percebo que mostro

[...] o sinuoso trajeto de formação docente que acontece aquém, entre e além da licenciatura e da pós-graduação *stricto sensu*. Também permite cartografar as intensidades que se fazem na educação escolar, nos encontros entre professores-estudantes-escolas-e... e... e... Dessa maneira, tais linhas deixam em aberto um futuro a ser criado e vivido, com as dores e delícias do magistério, com a potência de um presente preñado de porvires possíveis (Sales, 2022, p. 39).

Cartografar essas vivências é (re)visitá-las, dando “[...] língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2016, p. 26) – entendendo afetar enquanto verbo como “[...] tocar, perturbar, abalar, atingir” (Rolnik, 2018, p. 53). É investir em uma metodologia de pesquisa-criação em educação, experimentando escritas vivas que percorrem dimensões autobiográficas para se autofabular, autoficcionar, experimentar o vivido, transformar-se (Sales, 2023). É abrir o corpo às porosidades que o permeiam em sua materialidade viva, cambiante, em transformação. É, sobretudo, transbordar uma vida que urge e necessita de vazão – seja na escrita, seja na poesia, seja na criação.

Assim, certo tempo depois, quando já não me encontrava mais como docente na educação básica, e sim no ensino superior, atuando justamente na formação de futuros professores e futuras professoras de ciências e biologia, decidi abrir este arquivo, recortar algumas palavras lá aglomeradas e criar algo novo. Elas se materializaram em escritas poéticas, confessionais, fabulativas, delirantes, em notas-fragmentos, em histórias totalmente desmedidas em seus tantos sentimentos que ressoavam: tomaram o delineamento do que era necessário ser naquele momento e do que foi possível fazer com elas depois. Eram escritas em devir, em movimentos “[...] de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10), desejando “[...] entrar no mundo do devir-com” (Haraway, 2022, p. 31) em ressonância com os tantos seres-coisas-afetos que me faziam companhia e criavam a docência comigo.

Busco, então, levar a sério a poética, a narrativa, a fabulação como maneiras de pesquisar, de escrever, de devir-com, de viver a docência e a educação. Eis uma experiência transdisciplinar de investigar os processos educativos-subjetivos-formativos entre arte poética e narrativa. Dessa forma, este texto anseia constituir-se como um arquivo de poesias, histórias, relatos e breves notas de atravessamentos vividos por mim, um professor-pesquisador-escritor, durante um período de trabalho-vida-imersão no chão da escola. Naquele momento, eu lecionava em duas escolas públicas localizadas na periferia de Uberlândia, uma cidade de cerca de 700 mil habitantes, localizada no estado de Minas Gerais, na região sudeste brasileira. Certos personagens fizeram parte dessas escritas: colegas, estudantes, materiais, trajetos entre casa e trabalho, meu cansaço – que parecia que não cabia em mim –, insônia nas madrugadas, a cabeça sempre cheia de pensamentos caóticos-e-alegres-e-confusos-e-e-e... tantas companhias humanas, não humanas e mais que humanas que compunham paisagens-docências e, em certos momentos, me davam força para seguir, junto com os conteúdos, as alegrias, as dores e as delícias de ser professor. Ao materializar esta caixa de memórias fabuladas, também experimento pesquisas com rigor poético, inspirado na epígrafe de Maria Bethânia (2019) que abre este artigo.

Dessa forma, neste texto geralmente escrevo em primeira pessoa do singular, vazando o que me sangra e extravasa os poros. Em alguns momentos,

vou à escrita coletiva, e pego carona no plural. Quando me parece enfadonho demais seguir tão próximo, salto para a terceira pessoa e brinco assim para falar de mim com certa distância – devires, escritas, velocidades: “[...] a velocidade é ser tomado em um devir” e “[...] escrever deve produzir velocidade” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 27). Nessas linhas de trabalho-pesquisa-vida-educação, eram tantos os atravessamentos que, talvez, só a poética pudesse tentar dar conta – já sabendo desde o início que tal tarefa em sua totalidade seria impossível. Assim, coloquei-me a experimentar.

Poéticas, notas, desabafos e histórias de uma vida na escola

Prefácio

Qual é a força necessária para (sobre)viver a um dia, uma semana, um mês, um ano, uma década, quarenta voltas ao sol, uma existência toda... na escola? Percebendo-me rodeado de professores e professoras cansados e cansadas, em tantos momentos me reconheço como mais um. Era doloroso, sim, entrar naquela máquina de moer gente. O sistema colonial capitalístico (Rolnik, 2018) é implacável. Sabia eu que, no fundo, atuava como uma engrenagem de tal *modus operandi*. Mas não eram só espinhos: existiam tantas flores a colorir, perfumar, inspirar e compor. Escrever também parecia uma tentativa de fugir daquilo que me fazia faltar o ar, de respirar, de fissurar o sufocante, também de registrar o que estava vivo e pulsante, podendo assim me contagiar.

Misturando-me e ganhando velocidades variadas com múltiplas companhias, tentei como pude situar-me em territórios permeados por relações de poder e resistências capilares, por uma vida que acontece e se transforma a todo momento, por saberes escolares que nos impregnam e também pedem atualizações. Assim, busquei experimentar e criar ao inspirar minhas aulas e escritas com poesia, manifestando minha presença nas escolas com atenção e cuidado com aquelas vidas lá presentes. Nesse movimento ético-estético-político, percebi que era possível cultivar certa ressonância com os sujeitos escolares – colegas, estudantes, e... –, em algo que se aproximava de um

pedido de socorro coletivo que ecoava em nossos corpos e urgia com as seguintes palavras: *estamos vivos, e assim queremos permanecer!*

Talvez no amor estejam algumas respostas para seguir com tudo isso na escola e em outros espaços, já que “[o] amor, quem sabe, pode ser a abertura de múltiplos caminhos na docência-estudo-vida-formação” (Sales, 2024b, p. 23). Quem sabe...

Força

Para tudo, demanda-se força

Para ser, é preciso fazer

Mexer o tacho

Me locomover

Deslocar

Desver

Atravessar

Alocar a energia

Em outro lugar

Empreender no que se deseja

Investir

Mover

Poder insistir

Às vezes me sinto tão esgotado

Teria forças para algo fazer?

O fôlego se esvai, a boca se abre

E resta um bocado de nada no ar

Sigo caminhando

Me mexendo, planejando

Ando... tão cansado

Mas, ainda assim,

Vou fazendo planos

E então percebo

Que muito ainda resta

A se fazer
A se mexer
A ser
A ter
A sonhar
A planejar
A querer
A encantar

Força, força!
Quero. Desejo. Suplico
Busco, incessantemente
Vai dar certo!

E que assim seja,
Assim será!
Amém

Luz

Quando era criança, durante certo tempo, o professor apenas dormia com as luzes acesas: tinha medo do escuro. Quando era criança, durante certo tempo, o professor apenas dormia com as luzes acesas: tinha medo do escuro. Hoje, valoriza alguns momentos de penumbra. A claridade desperta-o e atrapalha o sono. Antes, tinha receio do vazio e do desconhecido. Hoje teme o que conhece: perigos materiais. Ou também fugiria do que não conhece demais?

Sonhos

Sonhos reais, materializados em noites agitadas. Talvez, na noite anterior, pelo excesso de estudos, trabalhos, *lives*, planejamentos, a posse recente em um novo cargo escolar, acontecimentos intensivos e um pouco de café demais, dormir tenha

sido difícil. Os médicos e as médicas – higienistas?! – falaria em “higiene do sono”, em acalmar-se nas horas anteriores ao descanso. Parece tão fácil indicar, quero ver conseguir executar – duvido que sigam à risca. Mas como um professor-pesquisador-escritor faria isso? São tantas aulas, tantas coisas, tantas demandas, tantas vontades, tantos desejos, tantas escolhas... também tantos sonhos que o movimentam. Não tem como tirar muito espaço do ócio – ou seria repaginar as prioridades que o levam até lá? Resta, quem sabe, manejar melhor este *tempo* – palavra de apenas cinco letras na língua portuguesa, mas que, na prática, vale ouro! – e os seus usos possíveis. Nesta noite, até oniricamente estive na escola, nos planejamentos, nas angústias e nos medos de não dar tempo – sabe, no fundo, que tempo para tudo, nunca dará – o *tudo* é da ordem do impossível. Ainda assim, o medo tem sido constante nesses dias. Está assustado, sim, mas sabe que vai dar certo. Já deu. Agora é seguir atrás do que se almeja.

Sabores. Percepções

São muitos os atravessamentos cotidianos.

A delícia da comida, me nutrindo – Santa Merenda e Santas Merendeiras, sou grato!

Eis, também, a delícia dos encontros, já que “[e]ntre músicas, filas, gritos, risadas, corridas, movimentos e tentativa de contê-los, os momentos de comer na escola são, antes de tudo, potências de encontros. Seria possível pensar em escola sem encontros?” (Sales; Carvalho, 2024, p. 11).

As diferenças com os colegas e, também, a funcionalidade de tudo.

Parar de fazer juízos de bem-e-mal. Reconhecer como tal território se movimenta e, a partir disso, poder nele incidir. Sei que preciso. Essa nota é para me lembrar depois.

A parceria, os afetos bons e os cortantes. Tudo isso é matéria para a poesia, tudo isso é matéria das provas na vida. Se fosse religioso, diria que eram provações.

Pensando com Paola Zordan (2019, p. 33),

[t]oda matéria sai da Terra, para na Terra se transformar e na Terra se acabar. Essa Terra em que todos vivemos, corpo vivo que se compõe com todos os corpos, corpo que se desintegra, firma-se e também

adoece, e mais do que também se apresentar como conceito, prova e imanência.

Provas... matérias...

Se fosse professor demais, poderia falar que são testes obrigatórios pelos quais se deve passar. Como gosto de cozinhar – como as merendeiras, sempre santas, tão cheias de vida, alimentando-nos –, digo que isso tudo é provar o saboroso saber de estar vivo e de poder trabalhar. Assim, como ser vivente, me envolvo em “[p]alavras, toques, sabores. Perceb[o] o mundo. Devor[o] e vomit[o] sentimentos” (Sales; Carvalho, 2022, p. 679).

As crianças choram quando vão para a escola, mal sabem elas que alguns professores e algumas professoras também. Reclamo hoje, sim, com certo drama que colore as páginas da vida, mas também agradeço, em público e em silêncio, à noite, antes de dormir, por poder aqui estar.

Cansaços, esgotamentos e linhas possíveis

Depois de dois dias gigantescos, enfim a sexta-feira chega. O jovem professor já nem acredita, mas se lembra de que precisa trabalhar naquela tarde e no sábado pela manhã. Exaustão: essa é a palavra que o define, essa é a sina que o acompanha – seria a “doença da escola” ou de quem se atreve – e delira – a seguir nos trabalhos da “educação”?

Sintomas: cansaço físico e mental. Falta de fôlego, vontade de largar tudo e sair correndo. Mais uma vez, repito: largar tudo e sair correndo para bem longe – onde? Como? Para fazer o quê, se o único caminho que vê e gosta e, mesmo assim, o esvai é a docência? O adulto que nele habita busca encontrar maneiras de mobilizar esta criança que se sente dolorida, acuada, machucada naqueles espaços, naquelas obrigações, naquele chão imenso que, em tantos movimentos, lembra dos solos das fábricas e que, paradoxalmente, é também desenhado por tantas marcas de vida. Espero que ele consiga também utilizar tal capacidade inventiva para acessar seus tantos alunos e tantas alunas que, mesmo dizendo terem saído da infância por chegarem à média dos doze anos de idade, percebe ainda estarem lá. São crianças em transição – será que um dia seria possível deixar, por inteiro, de ser criança? E, caso isso possa acontecer, ocorreria a que custo?

No dia anterior, após cruzar mais de 1.700 quilômetros pelo país retornando à sua casa, sem dormir nada há mais de trinta horas para prestar um concurso como professor no magistério superior, segue em direção à escola para cumprir seu ofício: lecionar cinco aulas seguidas no turno da tarde. É desgastante, ele sabe, mas segue mesmo assim – ele *precisa*. No começo, sente-se extremamente cansado e acha que não dará conta daquilo – exaustão, repito, era o que o atravessava. A insegurança grita, parece que lhe falta ar e qualquer possibilidade de agenciar algo. Na primeira aula, compartilha sua dor com os estudantes e leciona sentado. Na segunda, um pouco melhor. Na terceira, aguentando. Sobrevive, apenas. E continua. Ao chegar à noite, já no lar, consegue dormir um pouco, apesar da saudade que sente de um outro que conquistou o seu coração, mas que mora longe. O amor também se faz presente naquele peito que insiste em lecionar e escrever. Talvez seja esse também o motivo do cansaço, de sair correndo e de seguir.

No dia seguinte, um outro amor foi ferido, na medida em que se afirmou sua (in)diferença: a docência colocada em risco. Na segunda aula da manhã, uma turma bota em questão a capacidade do professor de lecionar. Talvez estivesse ainda – e sempre – cansado demais para ser perfeito. Talvez os parâmetros de uma “docência ideal”, culturalmente cultivados naqueles territórios, sejam da ordem do impossível. Talvez o que se defende como “postura docente” e “domínio de sala” seja, tantas vezes, desdobramentos de políticas neoliberais, relegando ao professor um lugar de desamparo para “dar conta de tudo”. Talvez a própria cobrança de ser perfeito o cansasse demais e até aumentasse a gravidade de certas situações, como essa, e escrever fosse uma tentativa de elaborar um pouco o que acontecia.

Daria mesmo ele conta daquilo tudo? Por que sentia que precisava dar conta de tudo? Sabe, com toda certeza, que não. Quantos pesos ressoavam no corpo de um jovem professor? Eram coisas demais. Muitos atravessamentos que compunham as paisagens de uma aula. Sabe que, no fundo, não queria dar conta mesmo – era preciso soltar e aliviar. Sente que está em fogo cruzado, mas não quer se machucar – teria como?

Sem muitas delongas, uma aluna muito “indisciplinada”, perceptivelmente sofrida, maltratada pela vida, pela família ausente e por tantas coisas que ficara sabendo nas histórias que circulam na sala dos professores, que no dia anterior chorava em seu horário, neste o ofendeu diversas vezes. Disse-lhe que sua aula era horrível, que ninguém lá gostava dele. Sentir-se adulto e afirmar-se autoridade foi

difícil naquele momento – sobretudo pelo cansaço. As palavras “ninguém gosta de mim” ecoavam e cortavam a criança, tantas vezes sofrida, que eu fora também. Angustiante, sim. Depois descobrira que ela fez tais ações com tantos e tantas colegas, professores e professoras e, também, com estudantes que dividiam aqueles territórios. Mas aquelas afecções completamente envenenadas cortaram-no, mesmo que ele tenha “segurado a onda”. Ao fim da aula, dos cinquenta minutos de tortura, de machucados e de embates, sai daquela sala não querendo retornar nunca mais. Pensa: “como podem ser tão perversos?” Sente também um desamparo por parte da escola, da direção, da supervisão: jogaram tantas responsabilidades desmedidas para que desse conta. E precisa dar conta – caso contrário, sua permanência será colocada em risco e a sua capacidade de ser professor novamente questionada.

Sente que “Ser professor é estar exposto e (tentar) manter uma postura de autoridade mesmo assim” (Sales, 2022, p. 35). Exposições violentas, nada fáceis de se lidar. Neste momento, coloca-se, mais uma vez, em questionamento das dimensões problematicamente construídas ao modo binário de alunos-vítimas e professores-opressores. Lembra das relações de poder sobre as quais Foucault (2019) já discorrera, que nunca são unilaterais nem apenas verticais. Elas se capilarizam nos territórios. Na classe não seria diferente.

Aqueles seres lá presentes também podem ser violentos e causar muita dor nos e nas docentes. Foucault (2014, p. 138) já dizia: “[...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem reviravolta eventual; toda relação de poder implica, pois, pelo menos de maneira virtual, uma estratégia de luta”. Eles e elas resistem, os professores e as professoras também resistem. Mas, em meio a tantos atritos, às vezes quase todos e todas se machucam, na medida em que muitos e muitas adoecem – fruto das artimanhas capitalistas neoliberais. O poder entrelaça: todos e todas situam-se lá de alguma forma, mas não das mesmas formas. São densas redes que se entremeiam, bagunçam e sobrepõem.

Após sair da aula, ele leva consigo uma inquietude, junto dos cortes que sangravam por estar em um dia fragilizado. Vai, então, à sala da supervisão e desabafa sobre o que lhe acontecia. Eram intensos demais os afetos: precisava botar para fora, como fez depois, narrando tudo isso. Os olhos cheios d’água atravessam as supervisoras que lá estavam, deixando-as um pouco sem palavras, mas, como a escola *nunca* é espaço para total silêncio, disparam a falar-falar-falar. Ele escuta, já que externalizara o pedido de ajuda – algo tantas vezes mal-visto, como prática de

confessar (ou reconhecer?) ser insuficiente, imperfeito, incapaz, mas, já que sabia que era imperfeito e que sozinho não daria conta mesmo, pouco importava. Talvez, se mais gente também fizesse isso, as coisas pudessem ser mais leves. Quem sabe...

Depois tenta retornar às salas de aula, como se nada tivesse acontecido. Precisa continuar o infinito exercício docente. Sabe que é para isso que é pago. No intervalo, desabafa mais com colegas. Quase um novo pedido de ajuda, sente. Escuta atentamente os relatos de seus parceiros e de suas parceiras de profissão, os quais têm décadas de experiência e também já passaram por “maus bocados” e por experiências dignas de serem retratadas, narradas e fabuladas em livros. Após a quinta aula, descobre que tinha, também, uma reunião obrigatória naquela noite. Felizmente já está lá, economizando, assim, uma viagem de doze quilômetros que separa sua casa daquela escola, numa cidade com um trânsito cada dia mais caótico. No fim daquele dia, toma conhecimento de que a supervisora que o acolheu irá para o outro turno. Mas, apesar de sua transferência, ele sabe que não está sozinho e que tem colegas com quem pode contar quando precisar.

Começa a entender, cada dia mais, essa força que o coletivo-escola tem – e precisa mesmo ter! De lá, sairão alguns amigos dos bons, que valem a pena guardar no coração. Os abraços, a força de estar junto, como isso importa. Sente-se que, talvez, não seja tão solitário assim. Recolhe-se, paradoxalmente, ao lugar de pouco saber e ao de tanto poder agregar. Sente medo, sim, tantas vezes... Não é fácil, sempre soube. Mas é preciso seguir.

Em alguns momentos, mais do que em outros, a sensação de ser um corpo estranho na escola pode não só incomodar, mas doer e até demonstrar certo risco-de-vida. As violências, chamadas popularmente de *bullying* – palavra repetida tantas vezes nesses tempos, mas para a qual pouco se faz efetivamente para ‘acabar’ (seria possível?, como?) – atestam que aqueles territórios podem ser perigosos. Assim, colocarmo-nos atentos e atentas às vidas docentes, estudantis, e... que lá residem é participar de uma ética amorosa – como tão bem nos ensinou bell hooks (2020) em seu célebre livro *Tudo sobre o amor* – engajada na/com a/pela educação. As filosofias da diferença e os estudos *queer* têm-me dado força para ver o mundo de *outros* jeitos e, mais do que *apenas* ver, também me colocar no papel ativo de *criar* mundos.

Certa vez senti-me peixe fora d'água por ser professor de ciências e biologia e gostar de escrever poesia. Não deu em nada esse desconforto, poderiam pensar. Mas para mim deu, e tem dado frutos de trabalho-pesquisa-vida. Para um poeta-professor, tudo é matéria para se criar...

Há espaço para um poeta na escola?

O que cabe lá?
O que ainda cola?
Quais corpos podem habitar?
Que existências residem na escola?

Tem o espaço do desejo?
Do livro?
Do conteúdo?
Do desespero?

Anseio
Penso
Planejo?

Deixo de lado
– Um pouco, preciso respirar

São tantas coisas
Tantos afazeres
Tantos compromissos
Tantos avisos
Tantos deveres

A vida que lá se encontra
Desmonta
Demonstra
O irreconhecível
Visível
Sentível
Sensível

E por hora, é isso
É só isso mesmo
– Sério?
Sim, já vou-me indo
Com cadernos, poesias e livros
Até logo mais!

Quando se está cansado, o filósofo Gilles Deleuze (2010) já nos ensina, é preciso descansar. “O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível” (Deleuze, 2010, p. 67). Quando se está esgotado, um dos únicos caminhos é encontrar outros possíveis. Para um professor-escritor que leva a sério a poesia como ética de vida, estar atento ao que ressoa como possível – potência viva e em ebulição – é urgente. Por hora, experimento, entre aulas, pesquisas e escritas, a vida que consigo.

E agora? E depois?

Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço.
Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço.
Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço.
Esgotamento. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço.
Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço.
Cansaço. Cansaço. Cansaço. Esgotamento. Cansaço. Cansaço.
Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço. Cansaço.
Cansaço. Cansaço. Cansaço.

– Gargalos de possíveis? Goles, suspiros? Onde estariam?

Do caos ao cais, queria eu.

Cheguei à crise – quem diria?

Às cinco da manhã, choro e desespero. Pânico. Medo. Dor.

Respiro, sei que é só mais um dia e, mesmo que não pareça, outros modos de viver são possíveis.

Quero acreditar...

Outros começos

Começar em um novo trabalho geralmente vem junto de certa dose de ansiedade. Quando tal empreitada se faz *pari passu* a um processo seletivo para outro emprego ainda, com diferentes etapas, aumenta ao cubo tal sensação de desamparo e de desespero. Dois vínculos empregatícios, um concurso para se fazer e uma nova paixão que mora em outro estado e tem planos de mudar de país. Muitos estressores,

múltiplas emoções. O corpo, *sometimes*, pede socorro. Talvez fosse mais simples do que parece... tirar umas férias, parar um pouco, cobrar-se menos... quem sabe.

Também vão se criando certas estratégias incertas, maneiras de seguir, de dar conta, de pedir ajuda, de criar alianças, de fazer o que tem que ser feito. Perceber que se está trabalhando como professor, e não salvando o mundo, é algo que pode aliviar (e bastante!) o estresse de ser um jovem docente. Ir lá, tentar fazer o melhor. Sim, tentar. Respirar, sair e ir para casa descansar. Parece simples – e poderia ser? Demanda-se, assim, certa cautela para não cair no mecanicismo que mata o corpo vibrátil (Rolnik, 2016). São muitos os desafios por vir. Eles já estão ali. Sempre estiveram, quiçá, assim como as linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 2019).

E hoje, ao chegar à nova escola, tenta-se reconhecer tal espaço. Quem são aquelas pessoas que lhe farão companhia? De que forma o receberam? O que esperam dele? O que se espera deles e delas? O desejo de ser querido e de ser reconhecido coexiste com a insegurança de não ser bom o suficiente. Mais uma vez, acende o alerta que tenta lembrar o trivial: “você está trabalhando, fazendo o que dá conta, então tenta relaxar”. São muitas intensidades, como em qualquer escola. Algumas mais do que outras, convenhamos. Os alunos agitados, as alunas também. A direção, caótica. Eita! Respira-se, cata-se a caixa de ferramentas que for possível, e vai-se em direção a sabe-se lá o que espera. E amanhã, ninguém sabe. Dar-se-á um jeito – sabe-se que sim.

Hierarquias. Essa é uma das palavras que fazem parte dos espaços de convivência. Humanos e outros animais não humanos talvez não sejam tão diferentes nessas questões. É aquela coisa de um querer dominar o outro, de se sobrepor. Também os jogos, os atritos, os “panos quentes”. Algumas ordens e chefias são importantes, sabemos que sim. Mas, no fim – e no começo –, convenhamos, são relações de poder. Como nos lembra Foucault (2010, p. 106), “[...] não caiam apaixonados pelo poder”. Quando caímos, é um tiro no pé. E que perigo!

Certa vez, quando começava um novo emprego em mais uma escola, estava em meio a um concurso para professor universitário e precisaria faltar um dia – e apenas um dia! – para realizar uma etapa. Precisava negociar um modo de repor aquela manhã ausente que, para mim, era mais que justificada, mas pela falta de respaldo legal, era necessária boa vontade e aquela palavra clichê, de que não gosto

tanto, mas até serve aqui: “empatia”. Conversei na escola em que já trabalhava e fui intensamente acolhido e apoiado. Foi bonito de se viver aquele momento em que senti as pessoas vibrando comigo. As palavras me direcionavam a seguir o rumo que eu sonhara e planejara, depois de me graduar em Biologia e Pedagogia, especializar, de fazer o mestrado e o doutorado em Educação. Já no espaço de trabalho a que chegara há pouco tempo, a reação foi outra. Certo tom punitivista foi duro e implacável. Diálogo nada flexível. Algumas ameaças no começo do estágio probatório podem tirar-nos as noites de sono que ainda nos restam.

Um dia, quando uma coordenadora daquela instituição gritou comigo, dizendo que não poderia faltar para fazer as minhas coisas – mesmo que nunca houvesse faltado e essas “coisas” fossem o concurso que mudaria a minha vida –, entrei em um devir com os estudantes, mas daqueles devires cortantes, dolorosos, ao perceber quão cruéis podem ser as relações de poder escolarmente instituídas, nas quais um manda e o outro tem que obedecer. Como tento dar vazão aos afetos em escritas, aquilo também foi matéria de criação. E lá fui eu: poetizar e me provar (fazer a prova). Depois passei, “dei no pé” e fui embora! As despedidas foram diferentes, mas são cenas para outros capítulos... e, por enquanto, com vocês, a bronca:

A bronca

tratado como criança
ignorada a titulação
pouco importava
somente ficava um “aqui não!”

julgamento sem tempo
convívio nada ameno
rotulado na contração
“aqui não” – repete

ridicularizado
sem prestígio nenhum
até abandonado
que cansaço danado
nem fui escutado!

buscando força
para seguir
e um afago
para tão sozinho
não me sentir

em outro lugar
a diferença
olhares sinceros
– calma... vai passar
passei!

deu tudo certo, talvez
que assim continue
e amanhã, daremos um jeito
outro jeito, outra vez
aqui, ali
um gole de sensatez

Dilemas e certezas

O aluno não binário... é trans? “A aluna ‘menina’... é ‘menino’!”

Contornos identitários cambiantes, afirmando-se, transitando, mudando, transicionando, literalmente, do dia para a noite – e não poderiam?

Existências múltiplas que demandam de nós atualizações. Mas os nomes sociais e aquelas vidas em diferenças que buscam se afirmar, infelizmente, não são respeitados. Colegas, professores e professoras, diretores e diretoras, supervisores e supervisoras... calam-se. Na verdade, ignoram. Escolhem ignorar. Alguns e algumas ainda insistem – violência é o nome! – em passar por cima, ao se referir de forma contraditória àquelxs alunxs que já nos disseram como querem ser reconhecidxs.

E eu com isso? Tento, faço o que posso. Consigo? Busco (re)conhecer. Os meus limites, os dos outros – e outras e outres e outrus e... também sei que se ronda certo perigo pelos olhos atentos da escola. Colegas conservadores e conservadoras, nesse momento, podem assumir o lugar de inimigos e de inimigas. Vigiar e punir?

Mas se ele quiser ser chamado assim... eu chamarei! Respeitar e afirmar a diferença! Ela se reconhece dessa forma, então assim é. “Mas a família não aceita”, dizem os e as colegas. “E se me questionarem aqui?”, penso eu. Sou novo, tenho medo de represálias, sim. Estar em estágio probatório é sentir-se ainda mais vulnerável. Mas sei que, mais do que qualquer coisa, reconhecer o outro é o necessário. Esse é um pressuposto ético e político do meu trabalho e da minha missão.

Em meio a estas complexidades, afirmo as minhas diferenças. A vida é múltipla – e eu também sou: tenho as minhas *queeridades*.

Somos diferentes – ainda bem!

Relações estudantis

Por estar imerso nas pesquisas no campo de corpos, gêneros, sexualidades e educação, o professor coloca-se curiosamente atento aos movimentos que acontecem na escola. Percebe que seus e suas estudantes de sexto e sétimo anos estão com os desejos “aflorados”, como nomeiam os demais professores e professoras. Poderia chamar de hormônios, em perspectivas biologicistas, como seus e suas colegas da área das ciências gostam de rotular. Vê que os e as estudantes conversam muito sobre genitálias, soltam jargões preconceituosos, desenham pelas carteiras e paredes escolares diferentes formas e símbolos. Sente que estão desesperados pela afirmação de algo que, talvez, nem entendam. Ou já entenderiam?

Querem tocar uns nos outros naquelas salas. Namoram, choram, são intensos – e explosivos! Beijam. Brigam. Gritam. Podem ser preconceituosos e preconceituosas, violentos e violentas em tantos momentos. Inclusive, perversos e perversas entre colegas, e conosco, docentes, também. Haja “jogo de cintura” para – ironicamente – docilizar aqueles corpos rebeldes, na medida em que certa “casca” ou “armadura” vai se formando em seu(s) corpo(s).

A maneira como aquele território escolar lida com um/uma estudante em transição de gênero o inquieta. Percebe que ele é, talvez, o único professor da escola que o chama pelo nome social. Como tantas pessoas escolhem ignorar essa situação? “É uma violência!”, repete para si.

Percebe também uma dupla “carência” de tantos alunos e de tantas alunas: econômica e também de atenção, carinho e cuidado. Pensa muito nas funções de seu trabalho docente. Talvez, cultivar um olhar atento ao outro seja uma das coisas mais importantes que se pode tentar fazer: ensinar a cuidar de si e do outro, a viver juntos e juntas, a viver com. Difícil, sim. Complexo, também. Mas é uma tarefa necessária e bonita de se viver!

Histórias... pesadas

Na volta para casa, uma colega lhe conta histórias de escola. Abusos, autoritarismo, violências, prisão. São questões densas, pesadíssimas. Algumas, preferia nem saber. Chega a quase bater o carro de tanto estresse – licença dramática, me perdoem. É muita coisa para uma cabeça só. Naquele mesmo dia, fez uma nova etapa da prova do concurso de manhã, lecionou à tarde e à noite. Sobrecarga, cansaço, exaustão – tem vivido na beira do precipício e sabe disso. Espera que seja provisório. Muitos sentimentos extravasam. Também sabe que, de agora em diante, acredita – ! – que poderá descansar um pouco mais. Assim espera. Vejamos.

Nesta madrugada, perdeu o sono. Alguém importante para ele chegará. Talvez possa ser uma ajuda para relaxar e se envolver com bons sentimentos. Está já cansado de pensar (de)mais. É este o preço de se entregar ao que lhe atravessa. Perde a noite de sono com a escola, perde a noite de sono com a prova, perde a noite de sono com a angústia, perde a noite de sono com a espera, perde a noite de sono com o desejo, perde a noite de sono com a solidão. São muitos os motivos para não dormir – e, mais ainda, para descansar. Por agora, chega de escrita. Tentará dormir um pouco. E amanhã, como diz, ninguém sabe...

Só quem viveu certas travessias sabe como elas são. Estar em dois empregos ao mesmo tempo enquanto finaliza o doutorado, começa pós-doutorado, namora à distância e presta concurso. Por isso a sobrecarga, sei bem. Estranho seria se fosse diferente. Hoje, alguns anos depois, poder olhar aquele tempo com certa distância, algum estranhamento e outros reconhecimentos é algo intenso: mistura de angústia por pensar em tudo o que vivi na pele, no corpo, na garganta, na cabeça, nos pés, com certo alívio de ver que acabou e que agora os dilemas podem ser outros. Que coisa boa é mudar e visitar outros tempos...

Derivas e caos

Repondo aulas
Tapando buracos
De sala em sala
Em cima do salto

No chão da escola
A vida é diferente
Lá fora
Um dia ausente

Aqui dentro, não sei
Desejo de estar
Vontade de correr

Sofrer?
Os alunos e as alunas reclamam
Os professores e as professoras também

Viver
Matéria difícil?
E está no currículo?

Aprender!
Tarefa coletiva
Derivada do caos
Que nasce aqui
Em um encontro casual

Ingovernáveis sextos anos...

A indisciplina, os gritos, os sextos anos. A infância ingovernável. Haja força neste tempo para lidar com tamanha energia. Às vezes, a rebeldia dos alunos e das alunas extrapola o tolerável. Tantas vezes, sim. Ainda faltam 20 minutos para o fim da aula e eu sigo aguentando. Repondo aulas, impaciente. Vontade de ir ao banheiro. Desejo incipiente e não posso sair. Um saco isso tudo... estou sendo transparente demais? Confissões de um professor cansado. Que chato. Insistente, acredito no futuro. E, por agora, uma pausa.

—

Um dia 13, qualquer
Mais uma semana cansativa
A dificuldade com a ingovernável infância dos sextos anos
Os gritos, os barulhos, as luzes, os sons
É a vida transbordando, visceralmente supitando nos corpos
Chega-se a pensar que se adaptar a tais territórios está sendo duro demais
Também a sensação de que passa rápido – será?
A lembrança do salário o deixa inquieto
Quando será que vem?

Ainda faltam muitos dias para tal...
10, 20, 30...
Espera

—

A transição
Parece difícil – será mesmo?
Infância-adolescência
Confusão
Confissão
Percepção
Da dor
Também do riso
Da ironia
Do deboche
Da energia
Do sismo
Isso
Aquilo
Caótico
Ingovernável
Excessos
Gritos
O indomável
Eis o desafio: docilizar?
Destilar forças de uma passagem
Mudanças
Produzindo subjetividades
Forjando modos de ser

Eles e elas, tão crianças?
Eu, tão adulto?
E nós, pessoas?
Os devires fissurando tudo

As cobranças são tantas
Tamanhas que rapidamente caíram
Estranhos
Na educação

Provas e notas

Em meio ao tempo seco de um setembro horrendo no cerrado mineiro, a rinite exacerbada e a pele desidratada dão espaço a uma decepção coletiva na escola com as baixas notas dos e das estudantes de uma sala. No dia anterior, alegrou-se ao perceber que, muitas das provas avaliadas alcançavam a nota – satisfatória, pensava

ele – de cerca de 60 a 80% de rendimento quantificável – fora aquilo que não cabia em números. Era uma turma mais articulada com o pensamento, sim. Felizes, engajados, cheios de energia. A verdade era essa. Já hoje, fora para uma mais agitada, também transbordante em vida, mas cujos resultados o desanimaram. Pensou, naquele momento: será que estou falhando? O gabarito está errado? Ao menos, o seu não. Havia trabalhado tais questões com os e as estudantes duas vezes, uma por uma. Disse, re-disse, repetiu, e nada deu. Desânimo, cansaço, desesperança. Estaria ele desistindo, ao decidir seguir? Ou buscando um jeito de se reinventar? O que daquilo poderia ser embrião para ensaiar formas outras de fazer-se docente, de fazer a docência, de mobilizar uma aula? Inquietações.

—

Delírio matemático
Milagre educacional
Imposição institucional

Diários
Fechar notas
Fazer 8
Virar 18

Os pontos
Tricotando vidas
Gerando angústias
Encontrar saídas?

Você, nota?
Moeda de troca
Na sala de aula
O ouro da hora

Movimento

Chegando ao último horário do turno da tarde, o professorzinho já cansado das outras nove aulas dadas naquele dia, é recebido pela turma que, em sua percepção, é a que mais gosta de lecionar naquela escola – não se enganem nem venham com (mais) julgamentos, mas isso existe sim! Todo mundo tem suas preferências e

afinidades! –, com a afirmativa de que não fariam nada naquele horário. Ele, intrigado, questiona.

O dia está insuportavelmente quente e, aparentemente, a escola está toda enlouquecida. Alunos e alunas chorando, outros e outras sendo suspensos e suspensas, novas profissionais chegando e causando reações variadas. Um caos total – ou seria só mais um dia na emocionante vida da escola? E, ao chegar à sala, aquela mobilização rebelde e impositiva. Ele não contrapõe, mas sugere uma alternativa: terminarão uma atividade na primeira parte da aula e, na segunda, irão para a quadra para poderem brincar.

Assim o faz. Assim o fez.

Já na quadra, pega uma cadeira, senta-se e observa os e as estudantes. Em sua mente, certa vergonha o atravessa ao pensar que está deixando de falar-falar-falar em uma aula conteudista e expositiva, deixando de lado o “comprometimento irrestrito e inquestionável com os currículos oficiais e os saberes disciplinares”. Porém, nessa observação atenta, percebe que naqueles momentos breves de pausa e liberdade, já nos últimos minutos de um longo dia, muito poderia aprender com os alunos e as alunas, e eles entre si também. Ao brincarem, construía laços, interagiam, liberavam as energias acumuladas. Era a vida que transbordava neles, e nele também.

Os fluxos de resistência se capilarizavam, mesmo sob o olhar atento daquela jovem figura de autoridade. “Movimento: isso é saúde!”, pensa. Em tempos de tanto adoecimento, talvez seja isso o que esteja faltando: movimento...

Pedido

“Professor, posso ir ao banheiro?”, pediu o aluno no segundo horário. Naquela escola era proibido, segundo normas ditadas pela direção, liberá-los nos primeiros cinquenta minutos da aula e após o recreio. “Que coisa!”, pensa o professor. Cercear o direito de ir e vir, eis um dos principais investimentos escolares. Sabe que, na verdade, aquilo é uma violência grave: impedir alguém de fazer as suas necessidades fisiológicas, que absurdo! Disciplinar os corpos, regradar os desejos, docilizar as vidas – Foucault segue de mãos dadas com ele, e ecoa no salão dos seus pensamentos a

voz de Elis Regina cantando a música de Belchior: “Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais”.

Mesmo que aquele pedido de saída da sala de aula seja para dar uma volta, que mal teria? Por que essa incessante vontade capilarizada pela escola de mantê-los todos sentados dentro das salas? Mas, também, que preparo temos para lidar com a indisciplina deles e delas? Questões complexas a serem pensadas, sem respostas prontas – e vamos ficar com o problema, como nos ensina Donna Haraway (2023). Mas, no pedido condicionado do estudante, algo parece que faltava – bem psicanalista isso... será que, de fato, algo sempre nos falta? –: um condicionante de “por favor”. Ressoava o silêncio na simples e direta solicitação para realizar as funções fisiológicas do corpo. A partir dessa ausência, questiona o seu trabalho. Realmente, o adolescente não precisava pedir “por favor”, visto que é direito dele ir ao banheiro, assim como comer e – pasmem! (esse artigo contém ironias) – até respirar na escola.

O que, de fato, estamos garantindo a estes e estas jovens nos territórios escolares? Parece que tal mobilização reverberou profundamente... e os vazios deram espaço para agenciamentos por vir, moleculares e diminutos. Para seguir pensando. Quem sabe...

Os anjos

Ao adentrar o céu – ou o inferno – escolar, faz toda a diferença ter ao seu lado alguém que lhe auxilie nos caminhos das pedras. Nos meus trajetos, tenho encontrado alguns anjos que me deram a mão – e, às vezes, até os braços inteiros – para o apoio necessário. Anjos, com braços e asas, de peles sensíveis que também podem se machucar. Mortais, com a sensibilidade de reconhecer no outro a fragilidade de estar começando e a dor do desconhecido – sabem cuidar no tempo de adaptação. Anjos com pés e mãos, de carne e osso. Divinos na sua materialidade viva, na presença de colos que acolhem e dão a força necessária para que o outro desabroche com a sua luz.

Com bell hooks (2020, p. 263) entendi que “Não importa quão dura ou terrível seja nossa vida, ao rejeitar o desamor – ao escolher o amor – podemos ouvir as vozes da esperança que falam ao nosso coração – as vozes dos anjos”. Mesmo estando em um espaço de tantas falas e da constante cobrança para sempre ter algo a dizer,

aprendi a escutar os anjos que aparecem em nossos caminhos, pois “Quando os anjos falam de amor, eles nos falam que apenas amando adentramos um paraíso terreno” (hooks, 2020, p. 263).

Amor! Recentemente aprendi, com Anne Dufourmantelle (2026, p. 164), que o “[e]ixo em torno do qual gira qualquer vida [é] amar e ser amado”... em todos os tempos, em todos os espaços.

Anjos! Com eles e elas vi o amor de outros jeitos na escola quando eu mais precisava de um abraço.

A eles e elas, o meu muito obrigado!

São muitas as violências que acontecem na escola, de todos os lados. Grande parte delas é sutil e passaria despercebida, caso não se tenha um olhar atento. Regar a atenção ao outro, ter cuidado com as palavras, mostrar, na prática, uma postura ético-política. Tudo isso é função de um professor e de uma professora? Não vou deixar brechas nessa pergunta, pois acredito e defendo que sim. Mas não acontece de um dia para o outro. Precisa de tempo, de ensinamento, de vontade, de políticas públicas, de desejo de liberdade. Eis o nosso trabalho também: cultivar relações entre seres e saberes, cultivar mundos nos quais acreditamos. Cultivar e afirmar mundos de vida que sejam menos violentos. Cultivar mundos em que a diferença exista, e em que existir de modos diferentes seja possível.

Violência

Ansiedade
Minha e deles... e delas...
Insônia
Minha e deles... e delas...
Tristeza
Minha e deles... e delas...
Vontade de ir embora
Minha e deles... e delas...

Sei que a escola não é só isso
Para mim e para eles... e para elas também não!
Mas tudo que sinto
Para nós
É um castigo

Violência
A obrigação
Máquina capitalística
Instituição
Quantas semelhanças
Com manicômio e prisão

Detenção
Educação?
Punição
De humanos
Produção?

A opressão escorre nos muros
Também a resistência invade as brechas
De tinta e concreto

Territórios em disputa

Na escola, múltiplas camadas de paisagens em ruínas – como nos ensinou a antropóloga Anna Tsing (2019) ao falar das coexistências multiespécies no Antropoceno. Territórios se sobrepondo, mas algo os une: todos e todas estão em relação. Sujeitos escolares, pessoas das escolas. Estudantes? Trabalhadores e trabalhadoras da educação? Alunos e alunas, professores e professoras, supervisores e supervisoras, diretores e diretoras, inspetores e inspetoras. Nas salas de aula de adolescentes, os desejos deles e delas transbordam em namoros, brigas, amizades, gritos, choros e risos. Explosivos. A indisciplina caótica choca quem vem de um sonho feliz – e monótono – de docência. Tem que ser valente, tem que ter coragem. É tudo emocionante – para quem não quer tédio na vida, lá é *O Lugar!* Percepções dos territórios de vida, das tensões entre estudantes, das patrulhas escolares, das demarcações animais de territórios tanto pelos e pelas jovens quanto pelas ditas “autoridades”.

Viver a educação é acompanhar pessoas em seus trajetos. Ver um corpo se transformar. Ver a vida ganhar outros contornos. Ver. Viver. Educar. Tudo junto.

Coletivamente. De mãos dadas. Aprender que nunca somos sós: apenas acontecemos juntos e juntas. E assim crescemos.

Depois de um curto período de férias, dois meses separam os e as estudantes do sexto ano dos e das do sétimo – exceto aqueles e aquelas contidos nas avaliações e nos conselhos de classe que permaneceriam nas mesmas salas do ano que findara, mas com os e as colegas mais novos e mais novas. Na linguagem popular mineira, de gente grande, dir-se-ia que “esses meninos e essas meninas tomaram fermento!”. E como crescem rápido! É de se espantar! E agradecer a força da vida, em sua metamorfose – movimento transformativo das existências, como nos ensina o filósofo Emanuele Coccia (2020), na juventude transbordante. Amém!

(Cr)s(c)er

De um ano ao outro
Dois meses se separam
Recessos, férias escolares
Uns ficam
E outros saem

No retorno
Algumas partes
Um grande todo

O professor
Deixa de ser centro
Ou continua
Sol *ad aeternum*?

Os alunos e as alunas sempre são
Ou estão sempre sendo
Estudantes
Frequentes?
Em metamorfoses
Crescentes
São
Sempre
Sãos?
Eles mesmos? Elas mesmas?
Sempre
Aprendendo
– Mas o quê?

Como crescem...
Alguns e algumas sentem

A mudança

Sentem

Pressentem

Ardente

Presentes

Num tempo em devir

O professor

Vê a vida

Estudante, reluzente

Do tamanho do amanhã

Considerações finais

O tamanho do amanhã, só o tempo nos dirá. Depois de uma (re)imersão em períodos intensos, em que os afetos urgiam e pediam passagem em minha vida, recordo-me de um ensinamento que a bióloga, filósofa e antropóloga Donna Haraway (2023) nos deixa no livro *Ficar com o problema*: muitas vezes, o que se apresenta como questão não será facilmente resolvido. É preciso ter paciência, seguir deglutindo, digerindo, refletindo, sem cair na inércia: manter-se em movimento com os problemas que nos atravessam em nossos trabalhos enquanto docentes, pesquisadores e pesquisadoras, escritores e escritoras, poetas e poetisas, artistas, e... enquanto pessoas vivas.

Talvez, então, levar a sério uma pesquisa com a poesia, com a escrita, com a fabulação da vida, com as experiências que atravessam um corpo, seja ficar com o problema das poéticas, de criar estórias situadas e provisórias. Ficar com o problema das relações de poder e das resistências capilares, dos atritos nos territórios escolares, do cansaço, da juventude efervescente, do capitalismo neoliberal, das notas, do corpo, do cansaço – repito – e dos esgotamentos. Ficar com o problema do amor dentro e fora da escola, do amor em nossas vidas. Ficar com o problema de perceber uma educação, uma pesquisa, uma vida e uma formação que acontecem como obra de arte: inacabadas, imperfeitas, mas sempre aberta aos afetos que inevitavelmente as permearão. Eis a força de reconhecer a artesanania de aprender e de ensinar, de escrever, de “colocar a mão na massa” – e no papel, e nos teclados do computador –, de ter a coragem de ensaiar linhas de trabalho-vida, de poetisar.

Levar a sério a poesia na educação e na pesquisa, como um rigor que Maria Bethânia nos ensina, como um método de vazão, talvez seja também levar a sério o que sentimos, o que nos afeta, o que urge e pede passagem. Nesse caminho, quem sabe, pode ser mais leve sair de nossos lugares ultrapoderosos de professores/professoras-pesquisadores/pesquisadoras produtores e produtoras de verdades inquestionáveis, de escritores e escritoras criadores e criadoras de linhas perfeitas. Talvez, seja mais palatável perceber a docência, a pesquisa e a escrita como experimentação, como criação coletiva – nunca solitária, sempre em devir com tantos outros seres humanos e não humanos. Eis algumas pistas de uma pesquisa rigorosa ao radicalizar a poética para seguir pensando, experimentando, criando, ruminando cotidianamente com um corpo vivo em seus múltiplos encontros.

Referências

- AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. POR ALGUMA POÉTICA NA DOCÊNCIA: a didática como criação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-18, 18 jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698169875>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/83mPDtP5xnCmMDF4tJch9RH/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2026.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Dantes Editora, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34, 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DIEDERICHSEN, Maria Cristina. Pesquisar com a Arte: ética e estética da existência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 1-24, jan. 2019.
- DUFOURMANTELLE, Anne. **Em caso de amor: psicopatologia da vida amorosa**. São Paulo: N-1 Edições, 2026.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: Foucault, M. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 118-140. (Coleção Ditos e escritos). IX. Org: Manoel de Barros Motta. Tradução: Abner Chiquieri. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Repensar a Política. Ditos & Escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a Genealogia da Ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P. 253-278.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: N-1 edições, 2023.
- HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: UBU Editora. 2022.
- HORA DE NANÁ. Maria Bethânia. YouTube, 2019. 1 vídeo (aprox. 23 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DIY_UGwUMYk. Acesso em: 29 jul. 2026.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SALES, Tiago Amaral. Quando o cartógrafo vai a campo: travessias e poéticas de um jovem professor. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 71, p. 24–41, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.70186>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/70186>. Acesso em: 29 jul. 2026.

SALES, Tiago Amaral. A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 16, n. 3, p. 1–11, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68236>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/68236>. Acesso em: 29 jul. 2026.

SALES, Tiago Amaral. A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. e31/1–31, 2024a. DOI: <https://doi.org/10.5902/1983734888089>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/88089>. Acesso em: 29 jul. 2026.

SALES, Tiago Amaral. Corações... na escola: amor em cotidianos estudantis. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 33, n. 1, p. e-rte331202436, 2024b. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-7003.2024v33n1.68358>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/68358>. Acesso em: 29 jul. 2026.

SALES, Tiago Amaral; CARVALHO, Daniela Franco. Devir-comida: corpo, afetos e educações em encontros gustativos. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, Paranaíba, v. 13, n. 38, 2022. DOI: [10.26514/inter.v13i38.6107](https://doi.org/10.26514/inter.v13i38.6107). Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/6107>. Acesso em: 29 jul. 2026.

SALES, Tiago Amaral; CARVALHO, Daniela Franco. Cartografias da comida: trajetos por educações em devires, marcas e afetos. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 31, p. 1-36, 3 jul. 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/ER-v31e2024-35>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/74311>. Acesso em: 29 jul. 2026.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

ZORDAN, Paola. **Gaia educação: arte e filosofia da diferença**. Curitiba: Appris, 2019.

Editor(a) responsável: Magda Floriana Damiani

Recebido em: 01/10/25

Aceito em: 01/08/26

Tiago Amaral Sales

Professor Assistente nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).

 tiagoamaralsales@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>

 <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>